



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

DAS (RE)CRIAÇÕES NECESSÁRIAS: A NEGRITUDE ENQUANTO POTÊNCIA

ALINE PAULINO TEIXEIRA*

 <https://orcid.org/0009-0002-7779-6345>

FAUSTA PORTO COUTO**

 <https://orcid.org/0000-0002-1543-2354>

SEBASTIÃO CARLOS DOS SANTOS CARVALHO***

 <https://orcid.org/0000-0003-3768-1949>

BRUNA DIONÍSIO MANOEL****

 <https://orcid.org/0009-0006-9568-1495>

RESUMO

Este trabalho destaca a re(criação) da negritude e suas potências, envolvendo a psicologia, os algoritmos, e aponta para a gamificação como uma possibilidade de ferramenta importante na construção de uma identidade negra enquanto um reforçador positivo para as crianças. No campo da psicologia, e

* Especialização em neuropsicologia, psicóloga racializada, com enfoque na abordagem Cognitivo Comportamental (TCC), escritora e mestranda em Ensino, Linguagem e Sociedade pelo de pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS/UNEB). Bolsista Carrefour pelo edital Bolsas de permanência para os cursos de graduação e pós-graduação para pessoas negras (edital/2023). É membro Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Contribui como membro do grupo de Pesquisa Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (UNEB- Campus XII em Guanambi-BA) e membro da Rede Internacional Pedagogia Feminista Negra. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9281123187066983>. E-mail: aline.paulinot@gmail.com

** Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação -FAE/UFMG. Ela também desempenha funções de Coordenação Pedagógica no ensino médio pela SEC/BA em Guanambi. É membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC; da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação ANPED; e Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. Sua experiência abrange tanto a educação básica quanto superior, com foco na formação docente, políticas públicas de ações afirmativas e permanência estudantil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0561391146624547>. E-mail: fcouto@uneb.br

*** Doutor em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2021). Possui graduação em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador (1996). Especialização em Educação Especial pela Uneb- Universidade do Estado da Bahia, Especialização em Gestão Cultural pela UFBA/IHAC. Atualmente é professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia e da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, membro da Academia Caetiteense de Letras - ACL, cadeira 27. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, cultura, quilombola, escola e inclusão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7321847450342163>. E-mail: tiaocarvalho72@gmail.com

**** Especialização em Programa de Residência Multiprofissional em Saúde pela UFRJ. Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental. Formação em Terapia do Esquema/Wainer. Especialização em Sexologia pelo InPaSex. Mestre em Psicologia Social pela UERJ. Psicóloga do Hospital Universitário Pedro Ernesto - UERJ. Psicóloga Clínica. Pesquisadora sobre Saúde Mental da População Negra. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2633810790274361>. E-mail: psicologiabruna24@gmail.com

permeando as tecnologias, ainda hoje, deparamo-nos com mecanismos que insistem em manter padrões de branquitude normativa, impossibilitando que corpos negros se construam com uma visão fortalecida de si, do mundo e do futuro, a partir das histórias reais da negritude e de suas potências. Com o objetivo de conectar a negritude das crianças enquanto potência, este trabalho traz a gamificação como uma ferramenta relevante. A pesquisa problematiza aspectos que influenciam na formação de crenças negativas da criança, visando estratégias para permitir uma visão racial realista. A metodologia incluiu oficinas com jogos focados na motivação, engajamento e desafios voltados para uma percepção positiva do ser negro. Foram usadas ferramentas como *Canva*, *YouTube* e a busca no *Google* para criar recursos digitais que reforçam as representatividades. Isso possibilita encarar as imagens, as produções escritas e o digital como formas de (re)criação da imagem das pessoas negras por meio de plataformas, aplicativos e inteligência artificial.

Palavras-chave: Psicologia; Racismo; Criança negra; Gamificação; Algoritmos.

ABSTRACT

OF POSSIBLE (RE)CREATIONS: BLACKNESS AS POWER

This work highlights the re(creation) of blackness and its powers, involving psychology, algorithms, and points to gamification as a possible important tool in the construction of a black identity as a positive reinforcer for children. In the field of psychology, and permeating technologies, even today, we come across mechanisms that insist on maintaining standards of normative whiteness, making it impossible for black bodies to construct themselves with a strengthened vision of themselves, the world and the future, based on real stories of blackness and its powers. Thus, with the aim of connecting children's blackness as a power, this work brings gamification as a relevant tool. The research problematizes aspects that influence the formation of negative beliefs in children, aiming at strategies to allow a realistic racial vision. The methodology included workshops with games focused on motivation, engagement and challenges aimed at a positive perception of the Black being. Tools such as Canva, YouTube and Google search were used to create digital resources that reinforce representation. This makes it possible to face images, written productions and digital media as ways of (re)creating the image of black people through platforms, applications and artificial intelligence.

Keywords: Psychology; Racism; Black child; Gamification; Algorithms.

INTRODUÇÃO

A literatura científica aponta com bastante robustez que o racismo em nosso país é um problema estrutural (Almeida, 2019) e fundante que, desde o início, atua no apagamento da identidade racial, contribuindo de forma cruel para que pessoas negras rejeitem seus traços e desvalorizem seus corpos (Zamora, 2012), baseando-se no ideal estético branco como a única forma de aceitação. Essa perspectiva é sustentada por várias questões, como o mito da democracia racial e pela maneira como nós, adultos, negros e não negros, apresentamos representações raciais às crianças. Assim, compreender o impacto do racismo na saúde mental da pessoa negra é fundamental.

A psicologia tradicional, fundamentada em concepções eurocentradas e estadunidenses, não consegue abordar de forma culturalmente sensível (Hays, 2009) todas as populações em relação aos processos psicológicos e à validação emocional dos indivíduos (Nobles, 2009; Nogueira, 2022). Diante da necessidade de uma postura culturalmente sensível na psicologia, é essencial considerar as múltiplas influências em torno do indivíduo, sejam elas relativas à idade, orientações religiosas, identidade étnica e racial e orientações sexuais (Hays, 2009; Wenzel, 2018; Beck, 2022).

Os psicólogos, assim sendo, precisam estar atentos às crenças negativas que o racismo pode causar nos indivíduos, resultando em distorções cognitivas sobre si, o mundo e o futuro (Tavares; Kuratani, 2019; Santos, 2019). Nesse sentido, Bruno Reis Santos (2019, p. 27) reporta-se a respeito da psicologia feita por pessoas brancas e considera que: “é possível que algumas técnicas não sejam congruentes com costumes de outros grupos étnicos como os de afrodescenden-

tes”. Contudo, apesar de já existirem posicionamentos que questionem esse ponto de vista colonizador no campo da psicologia, ele persiste na tentativa de aniquilar o corpo negro.

Esse aspecto é bem ilustrado em um artigo que fez um levantamento sobre a produção científica a respeito dos impactos do racismo na saúde mental da população negra, e a contribuição da psicologia nesse campo, através da pesquisa em duas grandes plataformas de periódicos científicos em um período que compreende os últimos 15 anos. Nele, as pesquisadoras observaram uma baixa produção teórica a respeito desse tema. E o mais alarmante: a presença ainda que sutil do racismo científico, da eugenia e de teorias raciais na psicologia e psiquiatria brasileiras (Damasceno; Zanello, 2018). À vista disso, foi muito bem-vinda, embora isso só tenha acontecido no século 21, a elaboração do Manual de referências técnicas a respeito das contribuições da psicologia no campo das relações raciais. Este manual foi elaborado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), e a sua construção é um reflexo das diversas lutas do movimento negro e de outras organizações sociais no combate ao racismo. Ele também serve de eixo orientador para que o psicólogo compreenda e possa contribuir na luta contra o racismo (CFP, 2017).

Em relação ao mito da democracia racial criado pela elite brasileira no Século XX, perpetua-se a ideia de que o racismo no Brasil é inexistente, mascarando a realidade opressiva de desigualdade entre negros e brancos, como aponta Petrônio Domingues (2005). Reconhecer a negritude e suas potencialidades envolve compreender que o racismo é real e tem um impacto significativo na vida

dos indivíduos. Sua implicação é passível de observação em diversos aspectos do cotidiano, como nas representações de pessoas negras nas mídias, nos brinquedos, nos livros e nas representações de beleza na internet. Por exemplo, uma simples busca na internet pela expressão: “o que é cabelo feio”, ou “corpo bonito”, ou ainda “mulher/homem bonita(o)”, nos revela como estereótipos e preconceitos raciais são mecanicamente replicados e influenciam a percepção daquilo que é considerado belo.

Essas seleções de imagens não apenas negam a existência de outros corpos, sejam eles negros, trans, com algum tipo de deficiência ou que fogem aos padrões da branquitude normativa, mas também apagam corpos gordos e negros, reforçando o racismo estrutural. Em específico, no que diz respeito às mídias audiovisuais, elas apresentam um papel *sui generis* no que tange à imagética. O pesquisador Joel Zito Araújo (2006) defende esse argumento, a partir da compreensão do impacto das mídias audiovisuais na disseminação de imagens de pessoas negras em posições de subalternidade e de status social inferior. E ainda aponta que as mídias representam a ideologia do embranquecimento, assim como o posicionamento da brancura como um padrão de referência de beleza. A título de exemplo, ele cita os galãs de novela, os quais quanto mais próximos estiverem os atributos físicos dos padrões nórdicos, mais destacados esses atores serão na escolha do elenco, sendo contemplados em diversas revistas e cerimônias de premiação. Aos personagens negros, cabem os papéis que remetem à feiura.

Quando discutimos o contexto digital e a questão do corpo negro, deparamo-nos, ainda, com os algoritmos¹, que frequente-

1 Marcos Medina e Cristina Fertig (2006) mencionam que o termo algoritmo faz referência ao

mente perpetuam o racismo. O conceito de racismo algorítmico, abordado como Safiya Noble (2021) em “*Algorithms of Oppression*”, explora como os algoritmos, muitas vezes construídos e treinados com dados que refletem discriminações históricas, perpetuam essas desigualdades nas suas operações cotidianas. Tarcizio Silva (2020) e Sebastião Carlos Carvalho (2021) ressaltam que, mesmo quando falamos do processo de algoritmos, ainda assim estamos tratando de plataformas desenvolvidas, construídas e idealizadas pelo ser humano. Portanto, ao refletir sobre a psicologia e o contexto digital, é crucial reconhecer como essas tecnologias podem contribuir para a perpetuação do racismo, ao invés de promover mudanças positivas.

Sobre a conexão entre tecnologias e racismo, Tarcizio Silva (2020) mapeou as microagressões digitais e identificou diversos casos de racismo algorítmico em diferentes áreas da tecnologia. Dentre os exemplos identificados estão: o *Google Photos*, que marca fotos de jovens negros com a tag “Gorila”; um app que transforma selfies, equiparando beleza à brancura; e ferramentas de processamento de linguagem natural que possuem vieses contra linguagem e temas negros. Esses casos ilustram como tecnologias contemporâneas perpetuam preconceitos e estereótipos raciais de forma prejudicial, voltados a valores culturais já enraizados e à hipersexualização dos corpos negros.

Por outro lado, as tecnologias podem promover o antirracismo (Lopes, 2020; Ribeiro

matemático Abu Abdullah Mohammad Ibn Musa al – Khawarizimi e pode ser entendido como um procedimento que envolve passo a passo para uma possível solução de problemas. Comparando a sequência de ações a uma receita de bolo. Assim, todas as funções dos smartphones, computadores e dentre outros equipamentos eletrônicos são resultantes da operação de algoritmos.

et al., 2023). Podemos pensar nas redes sociais e nos sites que têm o papel primordial de valorização das identidades, autoestima e (re)afirmação da negritude, tais como os sites *Geledés* e *Mundo Negro*; e páginas contidas na plataforma do *Instagram*, como *Uma intelectual_diferentona*, *prof.marinhosoares*, *Elaesoababa*, *Pretitudes*, *Saudementalpopnegra*, *Leiaparaumacriancanegra* e *Ser antirracista*, dentre outras. Esses portais oferecem conteúdos, na sua maioria, de pessoas negras para pessoas negras e não negras, conectam a negritude às suas potências e transcendem o racismo. Afinal de contas, ser negro não é somente falar do racismo.

Como apontado por Munanga (1988), o racismo foi criado pelo colonizador com a intenção de diminuir os indivíduos. Em nosso grito de existência, afirmamos que ser negro também é ser potência. Além da pele e com a nossa pele, há sentimentos; não somos apenas dor. Parafraseando a bela canção da sambista Dona Ivone Lara (1981) sobre negritude, luta e respeito: “um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade...”; cabe mencionar também seu saudoso refrão “negro é a raiz da liberdade”. Essas reflexões nos permitem olhar a negritude da forma que ela precisa e merece ser apresentada.

Nessa trajetória que envolve a invisibilidade da pessoa negra, ou uma visibilidade errônea, por meio do que é considerado belo, a forma como o negro é representado nas mídias, a falta de representatividade nas prateleiras das lojas, com poucos brinquedos e livros, encontramos o poderoso discurso de Barbará Carine Soares Pinheiro (2023, p. 57) sobre a lógica do “espelho quebrado”, a partir da qual ela afirma que “se não nos vemos como potentes, não pensamos de forma potente”. Além disso, podemos aludir ao impecável discurso da atriz

Viola Davis durante a premiação do *Emmy* (2015) de melhor atriz de drama pelo seu papel na série *How to Get With Murder*: “A única coisa que separa as mulheres de cor de qualquer outra pessoa é a oportunidade” (vídeo disponível no *YouTube*, 2015). Compreender as manifestações verbais, escritas e as imagens de Barbara Carine e Viola Davis é fundamental, tendo em vista que são imagens de pessoas que demonstram a negritude enquanto potência. Podemos encarar face a face as imagens, as produções escritas e o digital como formas de recriações das imagens das pessoas negras por meio das plataformas, aplicativos e inteligência artificial.

Diante dessas reflexões, este artigo busca afirmar a importância da representatividade negra e do reconhecimento da potência desde a infância. Para isso, destacamos como a gamificação pode ser uma ferramenta fundamental para a visibilidade negra enquanto potência. Conforme os autores Menezes (2016), Lodi e Holanda (2019), Cohen et al. (2020), Murr (2020) e Santos (2024), a gamificação é diferente de simplesmente adicionar um jogo; ela envolve motivação, engajamento e desafios. Nesse sentido, as atividades que poderiam ser consideradas monótonas podem ser transformadas em desafios.

O trabalho baseia-se em uma pesquisa de mestrado², que permitiu o desenvolvimento

2 Este artigo faz um recorte do projeto de mestrado intitulado “Impactos psicológicos do racismo e práticas antirracistas nas escolas municipais de Guanambi-BA”, cujo objetivo é de analisar os impactos psicológicos do racismo e a importância das práticas antirracistas nas escolas municipais, com foco no Ensino Fundamental I, em Guanambi-BA. As oficinas foram realizadas com crianças de 5 a 14 anos, negras e não negras, utilizando jogos da memória e um quiz, todos representando personalidades negras que marcaram a história do Brasil em diversas áreas, como política, artes, esporte e educação.

de conceitos relacionados à imagem, à arte e à positividade da negritude, aspectos que serão explorados neste texto. Os encontros com as crianças foram iniciados com vídeos sobre reis e rainhas negros e, em seguida, foram realizados os jogos de memória e *quizzes*. Em todos os recursos e etapas, foram utilizadas ferramentas da internet e plataformas, como o *Canva*, *YouTube* e busca no *Google* pelas imagens públicas das pessoas negras envolvidas na mídia devido a sua representação, seja ela nas artes, nas políticas, seja nos esportes.

1 EDUCAÇÃO AFROCENTRADA/ ANTIRRACISTA COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO NAS ESCOLAS

Pensar uma nova educação remete à necessidade de explorar a intrincada relação entre a estrutura curricular e as dinâmicas de poder que permeiam o ambiente educacional. No contexto brasileiro, especialmente em meio à crise exacerbada nos últimos anos³, fica patente a urgência de repensar nosso sistema educacional, tendo em vista que ele não apenas reproduz, mas tem amplificado desigualdades e exclusões. A frase “Escolas Pretas, Currículos Brancos” (Carvalho, 2018) nos remete diretamente à dialética fanoniana, apontando para a necessidade de uma pedagogia verdadeiramente descolonizada, que modifique essa lógica.

A respeito das estratégias que fundamentam a construção de uma visão da negritude baseada em características depreciativas,

3 É preciso considerar a homologação da BNCC – Base Nacional Comum Curricular em dezembro de 2017, pelo governo Temer, assim como as medidas adotadas e não adotadas durante a pandemia da COVID-19, pelo governo Bolsonaro.

Abdias Nascimento (2016), em seu livro sobre o genocídio do negro brasileiro, aponta que o controle do sistema educativo e a escolha em sua maioria de teorias cuja base epistemológica se fundamenta na Europa e Estados Unidos auxiliam nesse processo. O objetivo é a assimilação da identidade da pessoa negra, de modo a excluir quaisquer traços característicos que remetem à cultura africana.

Por isso, a partir do resultado de muita luta e resistência das diversas organizações do movimento negro, houve a criação da Lei 10.639/2003. Essa lei estabelece a obrigatoriedade da inclusão, no currículo escolar do ensino, da história da cultura afro-brasileira, justamente como forma de valorizar e resgatar as contribuições da cultura afro-brasileira, devendo ser inseridas no âmbito do ensino fundamental e médio. Ao pensarmos nas crianças negras, quanto mais elas se veem representadas em imagens que resgatam a cultura africana de modo positivo, menos elas se aproximam da alienação de suas identidades e do ideal de branquidão, processo bastante violento, conforme descrito por Neusa Santos Souza (1983), em seu livro *Tornar-se Negro*.

Esse resgate da cultura africana é muito importante, pois se assemelha a uma troca de lentes. Em que sentido? Nobles (2009), em seu texto, argumenta que o embranquecimento é um ataque à subjetividade da pessoa negra, considerando-o uma patologia. E, para que a pessoa negra encontre a “cura”, um movimento crucial nesse processo se refere a olhar o que há de africano em si mesmo, para além do ser negro. Um olhar para as potencialidades em um movimento contrário à postura de afirmação do sujeito enquanto uma pessoa que não é branca. Ainda em seu texto, ele diz que o processo de escravização foi como um trem que se

descarrilou nos trilhos, porém o trem continua a seguir o seu caminho. Ou seja, a cultura africana continua resistindo, apesar de todas as tentativas de extermínio a que foi submetida.

Nessa perspectiva, temos a seguinte pergunta: como todo esse processo influencia na construção da identidade da criança negra? Se nas mídias e em outros ambientes de socialização, a criança negra não se vê sendo representada, ou melhor, é sub-representada. Com isso, a partir de estereótipos racistas, o desenvolvimento da autoestima torna-se comprometido em sua plenitude. Logo, a criança não irá valorizar suas características físicas, nem atributos positivos que fazem parte daquilo que se denomina autoestima (Reis, 2023).

Nesse contexto, a escola, por ser um ambiente de grande importância nas experiências de vida de qualquer sujeito, é uma estrutura que reflete a sociedade racista e se constitui como um local propício para que pessoas vivenciem as relações raciais de forma intensa. As crianças negras exploram, dessa forma, a descoberta da sua negritude de forma violenta e negativa, com predomínio de experiências de rejeição a partir do seu fenótipo. É possível citar diversos exemplos que ilustram isso, vide as seguintes notícias: *'eu rezava para ser branco': discriminação e ofensas na escola são 1ª experiência que pessoas negras têm com racismo; 'não é confortável ser criança negra em escola branca' a advogada que criou comissão antirracista em colégio de elite de SP; 'escola é a primeira experiência de crianças negras com racismo institucional', diz secretária do MEC* (Dias; Alfano, 2022).

Ainda sobre o contexto escolar, a exposição da criança ao racismo sem o auxílio de algum adulto (familiar ou professor)

que possa fazê-la compreender a dinâmica das relações sociais, de modo a não se sentir culpada, e sim vítima do racismo, pode fazer com que a criança internalize o racismo e, como recurso, se cale diante das situações racistas. Ou a mesma criança pode reagir de modo violento e generalizar para outras situações em outros ambientes, recebendo o rótulo de agressora. Em alguns casos, a criança passa a reproduzir as atitudes racistas (Reis, 2023). Por esse motivo, a necessidade de construir uma educação antirracista torna-se essencial, visto que contribui para a redução da evasão escolar e outros adoecimentos que afetam a saúde mental de crianças negras (Mandela, 2022).

2 GAMIFICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE INTERVENÇÃO COM FOCO NA NEGRITUDE ENQUANTO POTÊNCIA

Lodi e Holanda (2019) mencionam o quanto o fenômeno chamado gamificação ainda é recente no meio acadêmico. Segundo Cohen et al. (2020), as publicações sobre gamificação em contextos educacionais podem ser localizadas a partir de 2011. Para Murr (2020, p. 7), a gamificação “pode ser entendida como a utilização de elementos de jogos em contextos fora de jogos, isto é, da vida real”. Nesse contexto, a gamificação efetiva-se por meio de recompensas, meta, *feedback* e sistema de ponto (Murr, 2020), visando à motivação e ao engajamento dos envolvidos (Menezes, 2016; Lodi; Holanda, 2019; Murr, 2020; Cohen, 2020; Santos, 2024).

O brincar é visto como uma possibilidade de simular situações da vida real (Figueiredo; Benfica, 2022). Por esse motivo, pen-

samos no caminho da conexão da negritude enquanto potência, e não “enquanto tragédia” (Roda Viva, 2020), pois, conforme Barbara Carine Pinheiro (2023, p. 59), “acreditamos que as crianças que estão sendo formadas precisam se nutrir do que elas são e não do que não são”. Ao explorar as potencialidades e o verdadeiro sentido de ser negro, a gamificação, por envolver motivações, simulando a vida real e utilizando-se do mecanismo de recompensas, pode ser uma possibilidade para reforçar positivamente a negritude.

Ao encontro desse caminho, há um relato de experiência, no qual foi utilizada a proposta de gamificação como estratégia para a educação afrocentrada (Ferreira; Almeida; Costa, 2021). Os pesquisadores usaram o *QR Code*, cujo acesso ao *link* levava a pessoa à descoberta de informações a respeito da cultura africana, localização do continente, suas riquezas e uma ampla gama de conhecimentos a respeito das contribuições africanas. Por meio dessa metodologia ativa, os pesquisadores observaram que houve maior engajamento dos alunos na realização da atividade. O uso da gamificação facilitou a aprendizagem das crianças, e, por exemplo, um dos conhecimentos adquiridos por elas se referem à compreensão de que todos os seres humanos descendem de um ancestral africano comum, desmitificando a ideia de uma suposta inferioridade dos negros e superioridade racial das pessoas brancas (Ferreira, Almeida; Costa, 2021). Portanto, embora esse método seja novo, em comparação a outros, ele pode ser empregado como recurso em direção ao letramento racial.

Para a realização das oficinas, é importante destacar que os materiais foram impressos no formato de baralho para o “Jogo da Memória das Personalidades Negras”. Na

etapa intitulada “Que Talento é Esse?”, utilizamos um *notebook* conectado a um projetor ou a uma televisão para exibir as imagens em um tamanho maior. Esses equipamentos foram fornecidos pela escola onde as oficinas ocorreram.

3 A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO POSITIVA DA IDENTIDADE RACIAL: SE EU NÃO ME VEJO POTENTE, POSSO PENSAR POTENTE?

Refletir sobre a importância da construção da identidade racial é um caminho fundamental para pensarmos como as nossas crianças são apresentadas à negritude, visando sair da “lógica do espelho quebrado”. Conforme os estudos de Andrea Doria, Dalila França e Marcus Lima (2021, p. 64), “a formação da identidade é um fator de importância central na construção social e psicológica dos indivíduos desde a infância, reforçando aspectos positivos e/ou negativos das suas histórias de vida”.

Para a construção deste artigo, levamos em consideração os estudos de Kabengele Munanga (2012) sobre a identidade coletiva, ou seja, a identidade atribuída por um grupo a partir dos sinais culturais, da história e dos traços psicológicos. A identidade negra passou e ainda passa pelas falas depreciativas devido à construção histórica do negro. Como a história dos negros geralmente é contada? Como os negros são retratados na mídia, na maioria das vezes? Por este motivo Kabengele Munanga (2012) pontua:

O que interessa a nosso propósito é a identidade vista do ponto de vista da comunidade negra através do seu movimento social e de suas entidades políticas. O primeiro fator

constitutivo desta identidade é a história. No entanto, essa história, mal a conhecemos, pois ela foi contada do ponto de vista do “outro”, de maneira depreciativa e negativa. O essencial é reencontrar o fio condutor da verdadeira história do Negro que o liga à África sem distorções e falsificações. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo. É a razão pela qual cada povo faz um esforço para conhecer e viver sua verdadeira história e transmiti-la para as futuras gerações. Razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica era uma das estratégias utilizadas pela escravidão e colonização, para destruir a memória coletiva dos povos escravizados e colonizados. (Munanga, 2012, p. 10).

Sabemos que o racismo chega primeiro, e o processo de “tornar-se negro” (Souza, 1983) ocorre na vida adulta, ou não. Assim, a identidade racial positiva precisa ser um elemento inserido precocemente na vida dos sujeitos, mas como partir com esse cenário, se muitas vezes os adultos ao redor dessas crianças são acometidos pelo racismo? Estudos mostram que o racismo pode afetar negativamente a saúde mental desde a vida intrauterina, influenciando o desenvolvimento infantil e causando repercussões duradouras e intergeracionais (Priest et al., 2018; Williams, 2018; Mekawi et al., 2023). A exposição ao racismo afeta a saúde mental de crianças e de adolescentes, e o racismo vivido pelos pais pode impactar a saúde mental dos filhos, mesmo sem experiência direta (Moreira-Primo; Santos; França, 2023).

Como podemos trabalhar a formação positiva da identidade da criança? Diante desse conflito, isto é, da construção da identidade e do olhar para o positivo, perpassamos os discursos da Barbara Carine Pinheiro (2023), a partir dos quais ela se posiciona

a respeito das construções de uma escola infantil afro-brasileira, com um currículo que valoriza e reconhece a cultura brasileira. Para a autora, reforçar positivamente a construção da identidade daquela pessoa pode ser um caminho importante para enfrentamento da negritude e de suas potências, “falar do poder do nosso povo, do nosso pioneirismo, das nossas produções. As crianças se formam por uma perspectiva de reforço positivo, e não pela negação do que a sociedade racista afirma acerca de nós” (Pinheiro, 2023, p. 108).

Em complemento aos escritos da Pinheiros, Paula Ferraz (2023) também reafirma a importância da representatividade na construção da identidade da criança, possibilitando que ela se veja refletida em suas características. Uma das possibilidades referidas pela autora é a utilização da literatura infantojuvenil cujas histórias tragam os costumes e cultura dos povos originários da África e personagens representativos e protagonistas. Alicerçado nisso, o propósito é ressignificar o imaginário social e construir as possibilidades positivas do corpo negro, resgatando até mesmo a sua ancestralidade africana.

Como supracitado por Bárbara Carine Pinheiros, reforçar positivamente é um caminho importante. Embasados em autores da psicologia cognitivo-comportamental (TCC), que têm como objetivo produzir mudanças nos pensamentos, nos significados e no comportamento, Aaron Beck (1993), Judith Beck (2022) e Amy Wenzel (2018) mencionam que reforçar comportamentos pode aumentar ou diminuir a probabilidade de que esses se manifestem, levando em consideração o reforço positivo e negativo.

Seguindo a reflexão “se eu não me vejo potente, posso pensar potente?”, na TCC,

deparamo-nos com os estudos das crenças. Embasados nos estudos de Paulo Knapp (2007) e Judith Beck (2022), percebemos que, desde a infância, os indivíduos desenvolvem uma visão sobre si mesmos, sobre as outras pessoas e sobre o seu mundo. Essas crenças, conhecidas como centrais, são compreendidas como duradouras e profundas, ou seja, são as mais enraizadas. Elas se constroem a partir das nossas experiências de aprendizagem e se fortalecem ao longo da vida. As crenças centrais são divididas em categorias de desamparo, desamor e desvalor. O desamparo diz respeito a se sentir ineficiente, frágil e necessitado. O desamor perpassa por qualidades pessoais que incapacitam de receber amor e se sentir imperfeito. Já o desvalor está relacionado a sentir-se sem valor, fracassado e perigoso para os outros.

Se observamos que, desde a infância, o racismo impacta a saúde mental, podemos pensar sobre como ele (racismo) age nas crenças. Por exemplo, ao ouvirmos e observarmos na mídia, de forma geral, que “preto não é bonito, era melhor dar o papel para uma pessoa branca”, “olha aquela boca grande e nariz feio” e “tinha que ser preto mesmo”, percebemos que a chance de uma pessoa negra crescer com a ideia cristalizada de que é menos devido a sua cor ou a seus traços, é grande.

Assim, com base nos estudos sobre raça e racismo, alinhados com os princípios da terapia cognitivo-comportamental, aumentamos a probabilidade de que pessoas negras percebam a negritude enquanto potência quando validamos suas histórias. Por exemplo, ao mostrar às crianças negras e não negras a negritude com base em feitos históricos, na intelectualidade e na beleza, podemos, sim, aumentar

a probabilidade de reconhecimento. Em contrapartida, ao apresentar a negritude de forma pejorativa, podemos reduzir a probabilidade de essas crianças quererem se aproximar e se identificarem com essa identidade.

Devemos salientar que não estamos reduzindo a construção da identidade apenas ao reforço e às crenças. Entendemos que é algo que vai além, mas mostrar a realidade voltada para as potencialidades pode ser um caminho valoroso nos processos, e compreender a influência das crenças profundas sobre nós mesmos é fundamental. Por conseguinte, apresentar jogos, brinquedos, brincadeiras e validar as crianças pode ser uma ferramenta potencializadora importante para (re)construir espelhos que, por vezes, são quebrados.

4 MÉTODO

O presente texto analisa dados coletados em campo de uma pesquisa de caráter qualitativo⁴, cujo objetivo foi de conectar a negritude das crianças enquanto potência. Para tanto, apresentamos a gamificação como uma ferramenta relevante, que envolve tanto os algoritmos quanto as pessoas que os desenvolvem. O trabalho problematiza aspectos que influenciam a formação positiva da criança, visando promover uma visão realista de si mesma, do mundo e do futuro. Trabalhamos com crianças negras e não negras, visto que a luta pelo respeito e a validação de todos os corpos são uma luta que diz respeito a todos.

Iniciamos as oficinas com foco na conexão da negritude enquanto potência. No pri-

4 Aplicada em 03 escolas municipais de Guanambi/BA, totalizando 10 crianças. Todas mediante a termos de assentimento e consentimentos assinados, sendo a participação opcional.

meiro momento, foram mostrados vídeos com foco em apresentar reis e rainhas africanos. Nesse caso, foi utilizado o canal “histórias negras”, disponível no *YouTube*, que tem o objetivo de compartilhar narrativas sobre a história da cultura negra. Seguindo o proposto por Barbara Carine,

A minha preocupação fundamental é me formar e formar nossas crianças a partir de uma lógica de reforço positivo, por meio do que a nossa ancestralidade africana nos informa-que somos os primeiros humanos, os primeiros reis, as primeiras rainhas, pioneiros da química, na matemática, na medicina, na filosofia. (Pinheiro, 2023, p. 59).

Logo em seguida, iniciávamos o jogo com os baralhos de memória, que apresentavam figuras públicas, sendo a principal característica ser negro e reconhecido pelo seu talento, seja na educação, política, esporte, artes, dentre outros. Potências, como Marielle Franco, Silvio de Almeida, Vinicius Júnior, Pelé, Formiga, Alcione, Liniker, dentre outros, foram utilizadas tanto no jogo da memória quanto no quiz. Além disso, fizemos o uso de sites – como *letras*, *wikipedia*, *ebiografia*, *esportelandia*, *novabrazilfm*, *ancestralidades* – para fazer a conexão da negritude enquanto potência. Na dinâmica, para estabelecer o desafio, partimos do contexto de que as crianças deveriam gravar o máximo de informações sobre aquela pessoa na primeira etapa do jogo, porque, em outro momento (*quiz*), seriam passadas as características, conforme as informações na primeira parte do jogo (jogo da memória). Foi definida também a condição de vitória, com foco no trabalho em equipe, baseando-se no provérbio africano: “Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão”. O sistema de pontos foi uma construção em conjunto, com a possibilidade de

as crianças se ajudarem e se construírem em conjunto.

4.1 Construção do jogo da memória

Intitulado como “jogo da memória das personalidades negras”, foram escolhidas 22 personalidades de forma aleatória, levando em consideração os seguintes quesitos: ser negros(as) e com uma representação importante. O jogo foi impresso com antecedência, com todas as peças no mesmo formato. Cada criança poderia retirar duas peças por vez. Caso fizesse par, continuava, caso contrário, passaria para o próximo jogador. Quando havia acertos, a responsável pelo jogo falava da importância daquela pessoa, com falas sobre a vida profissional e, quando possível, pessoal – mencionando em qual lugar nasceu, por exemplo. Em cada resposta era enfatizada a importância de gravar as principais características para a próxima etapa.

4.2 Construção do Quiz

A última fase, intitulada como “que talento é esse”, foi realizada de forma online. Utilizamos o *notebook* conectado a um projetor ou a uma televisão para exibir as imagens, com a seguinte descrição: “Mergulhe em uma aventura divertida e educativa com nosso jogo! Descubra quem são as incríveis personalidades negras através de descrições empolgantes. Prepare-se para conhecer heróis, artistas, cientistas e muitas outras figuras inspiradoras enquanto se diverte com amigos e familiares”. Primeiro, passava-se as características e, em seguida, dava-se um tempo para as crianças responderem. Foram colocadas as imagens do jogo da memória, para caso a criança esquecesse o nome, mas lembrasse das imagens. Foi também utilizado um sino para que a criança pudesse bater e responder.

Figura 1 – Imagens utilizadas para o jogo da memória



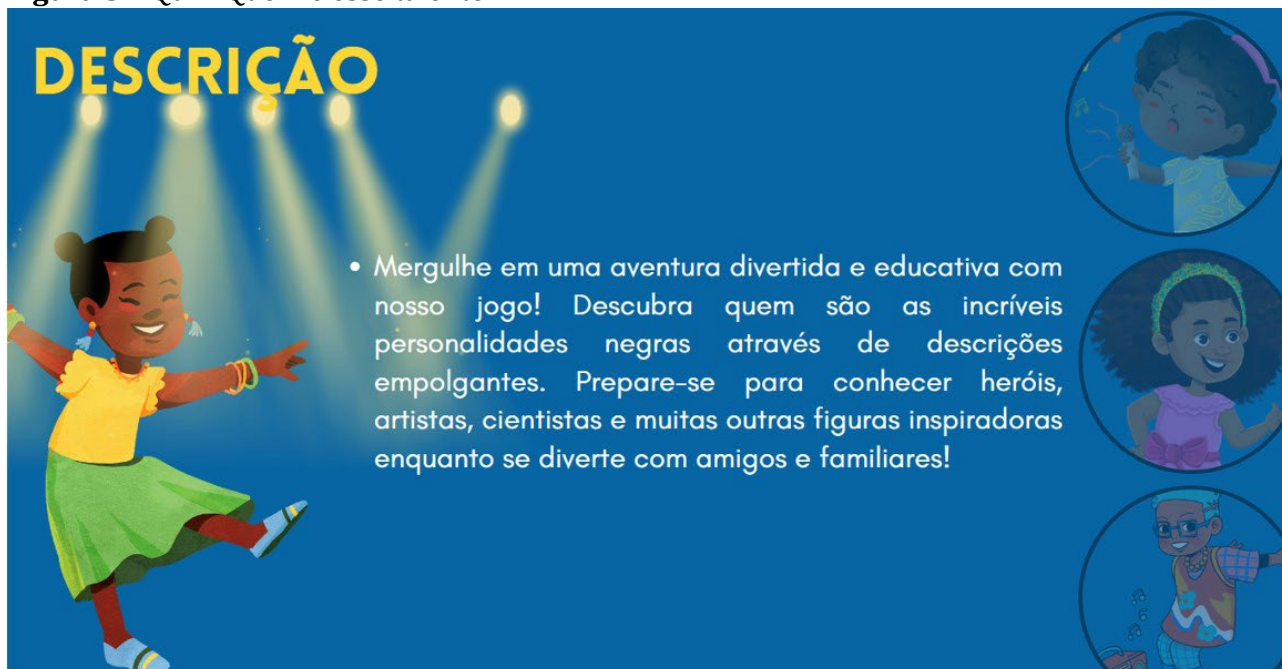
Fonte: Imagens da internet utilizadas na construção do jogo.

Figura 2 – Quiz: Quem é esse talento?



Fonte: Imagens da internet, colocadas no *Canva* e utilizadas na construção do jogo (2024).

Figura 3 – Quiz: Quem é esse talento?



Fonte: Arte idealizada pelas autoras. Imagens retiradas do *Canva.com* (2024).

Figura 4 – Quiz: Quem é esse talento?



Fonte: Arte idealizada pelas autoras. Imagens retiradas do *Canva.com* (2024).

5 DISCUSSÃO

As ferramentas digitais, tais como *Facebook* e *Instagram*, alinhadas com um pensamento antirracista, podem ser um material de imensurável importância para a negritude

enquanto potência (Lopes, 2020; Ribeiro et al., 2023). Mostrar o intelecto, as belezas, as culturas e as formas de representar o que é ser negro pode ser um reforçador

positivo (Pinheiro, 2023). Os resultados encontrados nas oficinas corroboram com as referências sobre a construção da negritude e a importância de reforçar a representatividade para crianças negras e não negras. Nos encontros, expressões como “este se parece comigo”, ou “como eu gosto de ver ele jogar, eu também jogo bola”, ao se comparar com as representações, foram proferidas pelos participantes. Foi observado, também, que a introdução aos jogos, sempre trazendo os vídeos (vídeos de reis e rainhas), foi uma etapa essencial para trabalharmos as motivações e o engajamento.

A gamificação, nesta atividade, demonstrou ser uma ferramenta interessante, pois possibilitou trazer o contexto da vida real (Menezes, 2016; Lodi; Holanda, 2019; Murr, 2020; Cohen, 2020; Santos, 2024), ou seja, pessoas negras, pessoas parecidas com a maioria daquelas crianças, que construíram suas histórias, abriram caminhos, apresentaram beleza, intelecto e várias características positivas.

As ferramentas utilizadas, como o *Canva*, o *YouTube* e o *Google* nos permitiram uma forma de contribuir com a oportunidade de verem em um espelho reestruturado, já que foi realizada a apresentação do ser negro a partir do discurso de Luiz Alberto: “a gente tem que construir novas imagens de negro e da África, assim como a gente tem que lutar contra o racismo”⁵. Assim, nesse contexto, as tecnologias se mostraram como ótimas aliadas no enfrentamento antirracista.

Foi discutido como, desde a infância, desenvolvemos nossa visão sobre nós mesmos,

o mundo e o futuro, o que pode se transformar em crenças profundas que impactam na nossa verdadeira percepção sobre nós mesmos, embasadas em formas distorcidas de se sentir ineficiente, imperfeito e/ou fracassado (Beck, 1993; Knapp, 2007; Wenzel, 2018; Beck, 2022). Se, desde a tenra idade, nutrirmos nossas crianças pelo que elas realmente são, podemos contribuir com uma visão racial realista. Assim, em um mundo extremamente conectado, encontrarmos na internet imagens de negros associadas ao que é somente ruim é inadmissível. Ao utilizarmos o *Canva* e as imagens de pessoas negras disponibilizadas, as pesquisas no *Google* por pessoas negras de destaque, ao assistir o vídeo sobre reis e rainhas, assim como mostra a verdadeira história do que é ser negro, estamos explorando as ferramentas digitais como forma desenvolvimento educativo, com ênfase no antirracismo e com intuito de conscientizarmos a partir da imagem (re)construída da negritude (Lopes, 2020; Ribeiro et al., 2023).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca a importância de uma abordagem culturalmente sensível na psicologia e a gamificação como ferramenta para reforçar positivamente a identidade racial. Futuras pesquisas podem explorar a aplicação dessas práticas em outros contextos e populações, contribuindo para uma visão mais respeitosa, seja na psicologia, nos algorítmicos, seja proporcionando o foco no antirracismo, ao trazer a negritude de forma real. Porém, conforme referenciado previamente, o objetivo deste presente trabalho não foi de apenas combater o racismo através da gamificação de modo pedagógico, e sim de realizar um resgate da potência da negritude, no campo da educação e em direção à construção das subjetividades das crianças negras

5 Pronunciamento destacado na *Exposição Educadores do Brasil*, em homenagem ao professor Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, em 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/centro-de-formacao-para-trabalhadores-do-mec-e-reinaugurado> Acesso em: 01 set. 2024.

que partam de outro referencial, partindo da premissa de que as tecnologias são fortes aliadas na construção de um novo espelho, com base nas imagens, falas e escritas da negritude e da sua potência. Nutrir as nossas crianças com aquilo que elas realmente são é essencial para uma visão positiva racial de si, do mundo e do futuro.

Ao falar sobre a negritude e suas potencialidades, pontuamos um caminho diferente do imposto pelo mito da democracia racial e das consequências do racismo. No jogo da vida, fomos ensinados de forma equivocada, tendo em vista que tentaram associar a imagem do “ser negro” com algo cruel, feio e inferior. Ao propormos utilizar as ferramentas a nosso favor, estamos reforçando às nossas crianças e aos adultos sobre o respeito, de modo a se ver potente e a construir a imagem do espelho reestruturado, ou seja, “eu me vejo potente e sou potente”. As inteligências, sejam artificiais ou não, são fundamentais para revelar a verdade sobre o que é ser negro, sobre a importância dos nossos ancestrais e sobre a (re)criação de ferramentas focadas no antirracismo e no respeito. Todos nós somos responsáveis pelo jogo da vida, seja no nosso próprio jogo ou no das pessoas ao nosso redor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARAÚJO, J. Z. **A força de um desejo** – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. *Revista USP*, n. 69, p. 72-79, mar/mai. 2006.
- BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática** [recurso eletrônico] / Judith S. Beck; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Paulo Knapp. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- BECK, A. T. *Cognitive Therapy: Past, Present and Future*. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, v. 61, n. 2, 194-198, 1993.
- BRASIL. **Lei nº 10639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 13 ago. 2024.
- CARVALHO, S. C. S. **O impacto das ações afirmativas na estética e na imagem corporal de jovens negros e negras da UNEB, campus Guanambi** [manuscrito]. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2021.
- CARVALHO, S. C. S. **Escolas Pretas, Currículos Brancos**. In: **ANAIS DO II CONGRESSO INTERNACIONAL PAULO FREIRE: O LEGADO GLOBAL, 2018, Belo Horizonte. Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/trabalhos/escolas-pretas-curriculos-brancos?lang=en> Acesso em: 27 ago. 2024.
- COHEN, E. J. et al. **Percepção dos estudantes em relação a uma experiência de gamificação na disciplina de Psicologia e Educação Inclusiva**. *Holos*, 14 fev. 2020. DOI: [10.15628/holos.2020.759](https://doi.org/10.15628/holos.2020.759).
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília, 2017.
- DAMASCENO, M. G., ZANELLO, V. M. L. **Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos**. *Psicol. Ciênc. Prof.*, v. 38, n. 3, p. 450-464, jul/set. 2018. <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>
- DAVIS, Viola. **Discurso de Viola Davis no Emmy 2015 – LEGENDADO**. 2015. 4 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e0M-6Zn2UDQA&t=1s>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- DIAS, P; ALFANO, B. **Eu rezava para ser branco: discriminação e ofensas na escola são 1ªexpe-**

riência que pessoas negras têm com o racismo, dizem os pesquisadores. **O Globo**, 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/eu-rezava-para-ser-branco-discriminacao-ofensas-na-escola-sao-1-experiencia-que-pessoas-negras-tem-com-racismo-dizem-pesquisadores-25442723>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

DOMINGUES, P. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)**. Diálogos Latinoamericanos, v. 6, n. 10, p. 16, 2005. <https://doi.org/10.7146/dl.v6i10.113653>

DOS SANTOS DORIA, A.; FRANÇA, D. X.; LIMA, M. E. O. **Firmação da identidade étnico-racial em crianças quilombolas e não quilombolas**. Kwanissa, São Luís, v. 4, n. 8, p. 62-83, jan./jun. 2021.

Fala do cantor, compositor e escritor Emicida, em entrevista concedida ao Roda Viva no dia 27 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4&ab_channel=RodaViva>. Acesso em: 4 abr. 2024.

FERREIRA, S. C.; ALMEIDA, B.C. da S.; COSTA, N. C. de J. A experiência da gamificação como estratégia para uma educação afrocentrada. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, p. 27-30, jul. 2021.

FERRAZ, P. Meu cabelo, meu orgulho, a importância da representatividade na construção identitária de crianças pretas. In: BORGES, C; MANDELA, L. (Coordenação Editorial). **Seja potência negra**. São Paulo: Editora Conquista, p. 68-72, 2023.

FIGUEIREDO, A.V; BENFICA, Z.R. Educação para as relações étnico-raciais: O lúdico na formação de professores. In: AGUIAR, Jonathan; PINHEIRO, Matheus (Org.). **Jogos e brincadeiras africanas: O brincar que nasce do chão**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

HAYS, P. A. Integrating Evidence-Based Practice, Cognitive-Behavior Therapy, and Multicultural Therapy: *Ten Steps for Culturally Competent Practice*. Professional Psychology: Research and Practice. American Psychological Association, v. 40, n. 4, p. 354-360, 2009.

KNAPP, P. **Terapia Cognitivo-Comportamental na prática psiquiátrica** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LEMOS, V. Advogada que criou comissão antirracista em colégio de elite em SP: 'não é confortável ser criança negra em escola branca'. **BBC News Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/05/a-advogada-que-criou-comissao-antirracista-em-colegio-de-elite-de-sp-nao-e-confortavel-ser-crianca-negra-em-escola-branca.shtml#:~:text=0%20Vera%20Cruz%20foi%20um,de%20elite%20de%20S%C3%A3o%20Paulo>>. Acesso em: 16. ago. 2024.

LODI, R. G.; HOLANDA, A. F. **Há gamificação na psicologia brasileira?** Uma revisão bibliográfica sistemática. Perspectivas em Psicologia, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 112-138, jan./jun. 2019. ISSN 2237-6917.

LOPES, D. A. **Ciberativismo como estratégia política: um estudo sobre grupos de mulheres negras crespas e cacheadas no Facebook e em Salvador/BA**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2020.

MANDELA, L. Escola e saúde mental da criança negra. In: OLIVER, M; BARROS, F. (Orgs.). **Saúde Mental da População Preta Importa**. São Paulo: Editora Conquista, p.138-142, 2022.

MEDINA, M. **Algoritmos e programação: Teoria e prática/ Marco Medina, Cristuna Fertig**. São Paulo: Novatec Editora, 2006.

MEKAWI, Y. et al. **Transmissão Intergeracional da Depressão: Examinando os Papéis do Racismo e do Trauma entre Mães e Jovens Negros**. *Jornal da Academia Americana de Psiquiatria da Criança e do Adolescente*, v. 62, n. 10, p. 1147-1156, 2023. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0890856723003064#preview-sectionsnippets>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MENEZES, A. B. de C. **Gamificação no ensino superior como estratégia para o desenvolvimento de competências: um relato de experiência no curso de Psicologia**. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 203-222, 2016. DOI: 10.35699/2237-5864.2016.2093. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/2093>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos; SANTOS, Joana dos; FRANÇA, Dalila Xavier de. Ver e sentir: duplo sofrimento de crianças negras com o racismo e possíveis soluções. In: FARO, André et al. (Org.). **Pesquisas em psicologia, saúde e sociedade**. 1. ed. São Paulo: Edições Concern, 2023. p. [317] - [344].

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade de negra ou afrodescendente**: um racismo ao avesso? Conferência de abertura proferida no III Pensando Áfricas e Suas Diásporas – Encontro de Antropologia e Educação – I Seminário Municipal de Formação de Professores Para Relações Étnico-Raciais, organizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Ouro Preto, de 26 a 28 de setembro de 2012. Revista da ABPN, v. 4, n. 8, p. 06-14, jul./out. 2012.

MURR, Caroline Elisa. **Entendendo e aplicando a gamificação** (recurso eletrônico): O que para que serve, potencialidade e desafios. Florianópolis: UFSC: UAB, 2020.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NOBLES, W.W. Sahku Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, E.L. (ORG). **Afrocentricidade** – Coleção Sankofa: uma abordagem epistemológica inovadora. Editora Selo Negro Edições, v. 4, 2009.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algoritmos da Opressão: Como o Google Fomenta e Lucra Com o Racismo**. Editora Rua do Sabão, São Paulo, 2021.

NOGUEIRA, S.G. **Libertação, descolonização e africanização da psicologia**: breve introdução à psicologia africana. São Carlos: EdUFSCar, 2022.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PRIEST, N.; SLOPEN, N.; WOOLFORD, S.; PHILIP, J. T.; SINGER, D.; et al. Stereotyping across intersections of race and age: *Racial stereotyping among White adults working with children*. PLOS ONE, v. 13, n. 9, p. e0201696, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0201696>.

Accesso em: 25 ago. 2024.

REIS, T. de S. Os impactos do racismo sobre a subjetividade de pessoas negras. In: PANTET, A. et al. (Orgs.). **Terapia Racial- Diálogos sobre psicoterapia para a população negra**. Publicação independente, 2023. E-book. Disponível em: <https://www.amazon.com/Terapia-Racial-psicoterapia-popula%C3%A7%C3%A3o-Portuguese/dp/B0CHL8ZFY3#detailBullets_feature_div>. Acesso em: 20 ago. 2024.

RIBEIRO, E. T. et al. **Tecnologias e inovações na promoção do antirracismo: uma análise interdisciplinar para a construção de uma sociedade inclusiva**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 7, p. 1292-1300, 2023. <https://doi.org/10.51891/rease.v9i7.10712>

SALDAÑA, P. Escola é a primeira experiência de crianças negras com o racismo institucional, diz secretária do MEC. **Folha de S. Paulo**, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/07/escola-e-a-1o-experiencia-de-criancas-negras-com-racismo-institucional-diz-secretaria-do-mec.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SANTOS, B. R. **Contribuições da Terapia Cognitivo-comportamental para o manejo clínico das repercussões do racismo**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) - Centro de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (CETCC). São Paulo, 2019.

SANTOS, W. A. et al. **Desvendando transtornos psicopatológicos na infância**: gamificação em psicologia do desenvolvimento. REDES - Revista Educacional da Sucesso, v. 4, n. 2, p. 377-389, 2024.

SILVA JÚNIOR, R. R. et al. **Aprendizagem por meio de jogos e sua aplicabilidade na prática docente**. Grupo de Pesquisa Metodologias em Ensino e Aprendizagem em Ciências, v. 10, n. 13, 2021. DOI: [10.33448/rsd-v10i13.21368](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21368). ISSN 2525-3409.

SILVA, Tarcízio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiáspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. A. **Manejo clínico das repercussões do racismo**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, e184764, p. 1-13, 2019.

Um sorriso negro. Intérprete: Dona Ivone Lara. Compositores: Adilson Barbado e Jorge Portela. In: *Sorriso Negro*. Intérprete: Dona Ivone Lara. Rio de Janeiro, 1981. 3 min 21 s.

WENZEL, Amy. **Inovações em terapia cognitivo-comportamental**: intervenções estratégicas para uma prática criativa [recurso eletrônico]. Tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Carmem Beatriz Neufeld. Porto Alegre: Artmed, 2018.

WILLIAMS, D.R. ***Stress and the Mental Health of Populations of Color: Advancing Our Understanding of Race-related Stressors***. *J Health Soc Behav*; v. 59, n. 4, p. 466-485, dez. 2018. doi: [10.1177/0022146518814251](https://doi.org/10.1177/0022146518814251). PMID: 30484715; PMCID: PMC6532404.

ZAMORA, M. H. R. N. **Desigualdade racial, racismo e seus efeitos**. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 24, n. 3, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/Qnm4D67j4Ppzvz3tfb4kwx/#>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Recebido em: 07/09/2024
Aprovado em: 16/12/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.